

## Uma arqueologia da memória: interfaces da figura paterna em Patrick Modiano

Laura Barbosa Campos

**RESUMO:** O trabalho propõe uma reflexão sobre o escritor francês contemporâneo Patrick Modiano. Privilegiamos a obra *Livret de Famille* para investigar a evocação da figura paterna como forma de restituição da memória.

**Palavras-chave:** Modiano; *Livret de Famille*; pai; memória.

O Nobel de Literatura do ano de 2014, o francês Patrick Modiano, é um autor de notória importância na Europa, mas ainda pouco conhecido no meio acadêmico brasileiro. Essa premiação é determinante para a divulgação de uma obra que impactou os meios artísticos franceses na década de 70 por ter sido pioneira no tratamento dos temas da Ocupação nazista e da Colaboração francesa com o III *Reich*.

Assim como seu texto, a obra de Patrick Modiano também é plural: não somente porque ela passeia por diferentes gêneros (romance, teatro, livros infantis, roteiros de cinema, letras de música), mas também porque ela desperta no leitor uma pluralidade de sensações e sentidos. A evocação de figura paterna como forma de restituição da memória constitui uma dimensão importante na literatura de Modiano.

### Considerações iniciais

Jean Patrick Modiano nasceu em julho de 1945, nos arredores de Paris. Filho de Louise Colpeyn e de Albert Modiano, um negociante de origem judaica e envolvido com atividades escusas durante a Segunda Guerra, Modiano foi marcado pelo ambiente de semiclandestinidade em que foi criado e pelo que considera o encontro inusitado entre duas pessoas que, não fosse a Guerra, dificilmente teriam seus destinos cruzados. Pelo lado paterno, então, os Modiano eram judeus sefarditas de origem ítalo-grega e, pelo lado materno, Louise Colpeyn, atriz nascida na Antuérpia, na Bélgica, que foi para Paris com o objetivo de trabalhar na *Continental-Films*, uma produtora cinematográfica criada pelos nazistas. Este é o contexto do encontro dos pais de Patrick Modiano durante a Ocupação: de um lado, um judeu cosmopolita que vive de pequenas falcaturas sob uma falsa identidade e, do outro, uma atriz flamenga que trabalha para o ocupante. Em 1944, os dois se casam e Patrick Modiano nasce logo no ano seguinte. O casal terá também um segundo filho nascido em 1947 e falecido de leucemia em 1957, perda que marca profundamente o escritor. O contexto singular do encontro de seus pais e o ambiente no qual foi criado influenciam decisivamente a literatura de Modiano, e essa atmosfera é reelaborada sistematicamente em suas obras.

Um dos pontos que atravessa toda a prosa de Modiano é a presença de uma primeira pessoa ambígua, uma vez que integra elementos autobiográficos a textos ficcionais. Por outro lado, o autor tende a deslegitimar a escrita de si em declarações e a estabelecer pactos contraditórios em seus textos. Ao embaralhar as cartas dessa maneira, Modiano cria um efeito de indeterminação aos olhos do leitor quanto ao estatuto de seus narradores que, ao mesmo tempo, apresentam características recorrentes e engendram, assim, uma sensação de familiaridade.

*Un Pedigree* (2005), uma obra da maturidade e ainda sem tradução para o português, é sua única publicação assumidamente autobiográfica e, em contrapartida, o tom empregado é, na maior parte do tempo, deliberadamente neutro, marcando uma tentativa de distanciamento como se se tratasse mais de um biógrafo de si mesmo do que de uma autobiografia. Em uma espécie de consignação de fatos, o narrador realiza colagens de fragmentos de vida na trajetória de um eu ausente:

*J'écris ces pages comme on rédige un constat ou un curriculum vitae, à titre documentaire et sans doute pour en finir avec une vie qui n'était pas la mienne. Il ne s'agit que d'une simple pellicule de faits et gestes. Je n'ai rien à confesser ni à élucider et je n'éprouve aucun goût pour l'introspection et les examens de conscience." (MODIANO, 2005, p.44-45).*

A obra foi determinante para a concretização do espaço autobiográfico modiano. O que o jovem narrador Patrick da obra *Livret de famille*, lançada 1977, esboçou, Modiano realiza plenamente em *Un Pedigree*, cujo título marca a preocupação com as origens e as indagações sobre a ascendência como um mecanismo para resolução de enigmas.

### ***Livret de famille: laços familiares e memória***

Aos narradores de Modiano falta sempre aquilo que, em *Livret de Famille*, é qualificado como o "*bien mystérieux [...], un état civil*" (MODIANO, 1977, p.27), ou seja, uma identidade. O título dessa obra remete ao documento administrativo francês composto por todos os registros civis que o indivíduo acumula ao longo da vida, como, por exemplo, a certidão de nascimento, de casamento ou de divórcio. Já o *Livret de famille* de Modiano é formado por narrativas que vão do registro de nascimento de sua filha, à prisão do pai do escritor durante a Ocupação ou, ainda, ao retorno dos prisioneiros dos campos de concentração, recorrendo, portanto, a um passado recente e também a uma memória anterior ao seu nascimento, dentro de uma perspectiva investigativa na chave da interioridade, mas, também, da anterioridade. Na quarta-capa do livro, o autor acentua a ambiguidade de registros, onde se lê: "*quatorze récits où l'autobiographie se mêle aux souvenirs imaginaires*".

*Livret de Famille* é a primeira obra de Modiano que apresenta homonímia entre autor e narrador. É o momento, pois, em que o aspecto autobiográfico aparece de forma deliberada e que o espaço autobiográfico começa a ganhar densidade.

O ponto de partida das narrativas que compõem a publicação é o registro de nascimento da filha do narrador no seu "livreto de família". Assim como a História oficial e, a despeito de ser um documento administrativo com pretensão de registrar toda a trajetória de um indivíduo na sociedade, ele também apresenta lacunas no que concerne à história familiar do narrador, o qual observa:

*"Livret de Famille ». Ce titre m'inspirait un intérêt respectueux comme celui que j'éprouve pour tous les papiers officiels, diplômes, actes notariés, arbres généalogiques, cadastres, parchemins, pedigrees... Sur les deux premiers feuillets figurait l'extrait de mon acte de mariage, avec mes nom et prénoms, et ceux de ma femme. On avait laissé en blanc les lignes correspondant à : « fils de », pour ne pas entrer dans les méandres de mon état civil. J'ignore en effet où je suis né et quels noms, au juste, portaient mes parents lors de ma naissance. [...]. Mon père y figurait sous un faux nom parce que le mariage avait eu lieu pendant l'Occupation. (MODIANO, 1977, p.12).*

A lacuna no documento destaca a problemática relacionada à ascendência e produz uma relação conflituosa com a memória que permeia todo livro. A obsessão pelo esquecimento, Modiano opõe o imperativo de memória, revelando a dialética angustiada do pós-Shoá, ora excessivamente lembrada, ora demasiadamente esquecida.

Nesta quinta publicação, Modiano transforma o documento civil em uma grande reflexão sobre a memória, individual e coletiva, e, ainda, enquanto processo propriamente dito. Essa temática central explica a escolha da epígrafe: "*Vivre c'est s'obstiner à achever un souvenir*". A citação de René Char ilumina o sentido geral da obra de Modiano por resumir o projeto e as motivações profundas do escritor para quem viver/escrever consiste em tentar

esclarecer zonas obscuras do passado, buscando principalmente elucidar questões relacionadas à trajetória paterna.

A memória se apresenta de forma ambivalente em *Livret de Famille*. De um lado, ela funciona como um forte instrumento de superação de barreiras temporais e espaciais, como observa o narrador do segundo capítulo em relação ao desejo do amigo Marignan de retomar o contato com a China de sua infância: “*Une liaison allait bientôt s’établir entre la France et la Chine à travers les kilomètres et les années*” (1977, p.41). Por outro lado, a memória também é vista como uma maldição que assombra o narrador a ponto de ele desejar livrar-se dela completamente e tornar-se desmemoriado:

*Je n’avais que vingt ans, mais ma mémoire précédait ma naissance. J’étais sûr, par exemple, d’avoir vécu le Paris de l’Occupation puisque je me souvenais de certains personnages de cette époque et de détails infimes et troublants, de ceux qu’aucun livre d’histoire ne mentionne. Pourtant, j’essayais de lutter contre la pesanteur qui me tirait en arrière, et rêvais de me délivrer d’une mémoire empoisonnée. J’aurais donné tout au monde pour devenir amnésique.* (MODIANO, 1977, p.116, 117).

Na busca de um refúgio contra os malefícios provocados pela memória, a Suíça, na condição de país neutro durante a Guerra e, por isso, supostamente livre dos fantasmas ligados a esse período, surge como local privilegiado vinculado à amnésia e a uma suspensão temporal. Lê-se: “*Tout flottait, à Lausanne, le regard et le coeur glissaient sans pouvoir s’accrocher à une quelconque aspérité. Tout était neutre. Ni le temps, ni la souffrance n’avaient posé leur lèpre ici.* » (1977, p.117).

Entretanto, nem mesmo a neutralidade suíça será capaz de proteger o narrador por muito tempo contra a « memória envenenada » e os fantasmas que o assombram. Mais uma vez, passado e presente se fundem, desta vez através do locutor de rádio Robert Gerbaud, cuja voz lembra a de um certo ‘D’, que teria interrogado o pai de Modiano no momento de sua detenção em 1942.

### **A prisão de Albert Modiano como “cena primitiva”<sup>i</sup>**

Qualquer eventual tentativa de categorizar as produções de Modiano seria problemática pelo fato de o escritor realizar uma obra em rede, com questões ambíguas recorrentes e conexas, que se iluminam e ecoam umas às outras, como é o caso do personagem Eddy Pagnon, por exemplo.

Uma das figuras modianescas recorrentes, Eddy Pagnon seria o homem que teria, supostamente, livrado Albert da prisão e, conseqüentemente, do campo de concentração, durante a Paris ocupada. O crítico Baptiste Roux analisa o personagem de Pagnon como central em relação ao que considera uma das “cenas primitivas” do universo modianesco, a saber, o episódio da prisão do pai do autor. Roux explica:

Eddy Pagnon situa-se no âmago de uma das cenas primitivas do universo modianesco, atravessando, ao mesmo tempo, a ficção e a realidade histórica, a cena constitui um dos raros episódios da Ocupação, evocados nas obras de juventude, a não ser disfarçado. Trata-se da prisão do pai, durante o inverno de 1943, de sua detenção e de sua liberação quase imediata por um membro do que se chamou depois de o bando da rua Lauriston. (ROUX, 1999, p.147).<sup>ii</sup>

No livro *Dans la peau de Patrick Modiano* (2010), o jornalista Denis Cosnard reúne muitos dados biográficos de Louis Ernest Pagnon. Essa figura que tanto intrigou Patrick Modiano nasceu em Paris, em 1904. Durante a Guerra, liga-se a Henri Normand, codinome Lafont, chefe de um importante sistema de tráfico de mercadorias, pilhagem de bens de judeus e espionagem alemã durante a Ocupação, o famoso grupo da rua *Lauriston*, em Paris.

Pagnon integra o dispositivo de Lafont e torna-se seu motorista. Logo após a liberação de Paris, em 1945, Pagnon, assim como sua amante, Sylviane Quimfe e seu chefe Lafont, são julgados e condenados à morte. Não apenas Pagnon, mas também Quimfe e Lafont, participam como personagens, de forma recorrente, no universo reelaborado por Modiano em suas obras.

A ligação entre Albert Modiano e Eddy Pagnon não consta de nenhum arquivo oficial, sendo apenas hipotética. Patrick Modiano nunca esclareceu por que supõe um vínculo entre os dois homens, mas passou vários anos pesquisando informações sobre Pagnon e o grupo da rua *Lauriston* e inserindo-as em seus textos.

Eddy Pagnon é citado nominalmente por Modiano pela primeira vez em *Les Boulevards de ceinture* (1972): “Eddy Pagnon... *Encore un nom qui court dans ma mémoire*. (MODIANO, 1972, p.53). A questão central desse terceiro livro do autor é uma indagação quanto ao motivo pelo qual o pai do narrador, um judeu perseguido, se encontra no grupo daqueles que seriam também potencialmente seus algozes. Quais relações os uniriam? Esta é também a dúvida de Modiano acerca da relação de seu pai com Eddy Pagnon, o que denota a estreita conexão entre a ficção e a vida do autor.

O narrador de *Livret de Famille* apresenta uma versão detalhada da primeira captura de Albert Modiano pela Gestapo francesa, em 1942. O livro esbanja em precisões sobre o episódio, fala sobre o oficial responsável pela prisão, sobre a amiga com a qual Albert Modiano foi preso, sobre a forma como conseguiu escapar (aproveitando-se da penumbra deixada por uma lâmpada queimada) e sobre os riscos enfrentados: “*Après le dépôt, c'est Drancy ou Compiègne. Ensuite, les convois de déportés*” (MODIANO, 1977, p. 128). Quase três décadas mais tarde, a mesma cena também é relatada em *Un Pedigree*, dessa vez de forma mais direta:

*Il [le père] est séparé de son amie par les policiers et réussit à s'échapper au moment où on allait le transférer au Dépôt, profitant d'une minuterie éteinte. Hela H. sera libérée du dépôt, le lendemain, sans doute à la suite d'une intervention d'un ami de mon père. Qui? Je me le suis souvent demandé.* (MODIANO, 2005, p. 17,18).

Ao encarceramento do pai, somar-se-á a prisão do filho, mencionada brevemente pela primeira vez em 1996, em *Elle s'appelait Françoise*. A mesma situação será mais desenvolvida no ano seguinte, em *Dora Bruder*. A passagem refere-se ao momento, nos anos 60, em que Patrick e Albert Modiano são levados, juntos, em um camburão até uma delegacia, por causa de uma desavença financeira ligada à pensão paterna. O autor explica que essa foi a única vez em que esteve em um carro de polícia, mas que a situação ganhou um valor simbólico. Ele diz:

Pensei então que, se era a primeira vez para mim que eu passava por tal experiência, meu pai já conhecera isso, há vinte anos. Naquela noite de fevereiro de 1942, ele foi enviado pelos inspetores da Polícia de Assuntos Judaicos num camburão muito parecido com esse em que estávamos agora. Eu me perguntava se ele também pensaria nisso. Mas ele me ignorava, e evitava o meu olhar. (MODIANO, 1998, p.54)

Em *Dora Bruder*, Modiano amalgama a captura da garota à sua própria detenção e à de seu pai como estratégia narrativa para estabelecer mais uma sobreposição de passados e aproximar os três personagens. O fato de ter sido preso em um camburão, juntamente com seu pai, nos anos 60, reatualizou todas as detenções dramáticas e arbitrárias de judeus durante a Ocupação. O episódio revestiu-se, assim, de uma força simbólica. O escritor declara: “fiz esse trajeto de camburão com meu pai - trajeto que não era mais do que a repetição inofensiva e paródica de outros trajetos, nos mesmos veículos, e em direção às mesmas delegacias - mas de

onde jamais se poderia voltar a pé para a casa, como fiz naquele dia." (MODIANO, 1998, p.78).

Em *Un Pedigree* (2005), o autor também retoma o episódio da prisão do pai, associando-o à de Dora Bruder e estabelece, dessa forma, um diálogo entre esses dois textos. O narrador evoca, ainda, a forma misteriosa como seu pai foi solto e sua dificuldade de verbalização desse momento traumático.

Modiano consagra ainda todo um capítulo a Eddy Pagnon e à prisão de Albert Modiano no livro *Remise de Peine* (1988). O narrador expõe suas incertezas quanto ao verdadeiro papel de Pagnon.

*Une nuit, quelqu'un était venu en voiture, quai de la Gare, et avait fait libérer mon père. Je m'imaginai - à tort ou à raison - que c'était un certain Louis Pagnon qu'on appelait "Eddy", fusillé à la Libération avec des membres de la bande de la rue Lauriston dont il faisait partie.*

*Oui, quelque'un a sorti mon père du "trou", selon l'expression qu'il avait employée lui-même un soir de mes quinze ans où j'étais seul avec lui et où il se laissait aller jusqu'au bord des confidences. [...]. Pagnon ou un autre? Il me fallait bien une réponse à mes questions. Quel lien pouvait exister entre cet homme et mon père. (MODIANO, 1988, p. 116-118).*

Todas as ocorrências da figura de Eddy Pagnon e as diferentes versões sobre o episódio da prisão do pai de Modiano durante a Ocupação dialogam entre si e apontam para a presença de um espaço autobiográfico constituído, não exclusivamente, mas também de modo oblíquo na medida em que a biografia do pai se torna constitutiva da escrita do eu.

Diferentemente de Proust, Modiano não confere a seus narradores a epifania de um passado redescoberto. Restam apenas migalhas da *madeleine* proustiana e esses narradores permanecem, muitas vezes, imobilizados em uma espécie de limbo atemporal. Inúmeros são os personagens em fuga ou buscando o esquecimento de algo não claramente identificado. Muitos se encontram dilacerados entre a impossibilidade de recuperar totalmente os vestígios do passado e, ao mesmo tempo, a incapacidade de livrar-se dos mesmos.

*Livret de Famille* é bastante representativo do duplo movimento de atração e repulsa à memória, característico da obra de Modiano, e é a forma como a experiência se inscreve nessa memória que torna as identidades problemáticas. A memória e o tempo são particularmente significantes para o homem por serem inseparáveis da noção de sujeito, entretanto, sua constituição não é nunca de caráter estritamente individual, mas se imbrica também com aspectos do coletivo. Como lembra Maurice Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir da coletiva, porquanto todas as lembranças são constituídas a partir de um grupo e se articulam aos referenciais por ele construídos, portanto a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. (HALBWACHS, 2006, p.41).

Em *Livret de famille*, a memória corresponde a uma força de dispersão e de fragmentação e tende a dissolver completamente as fronteiras entre o individual e o coletivo, engendrando também a memória pré-natal no narrador.

Além disso, os polos de atração e repulsa da memória, presentes de forma exemplar em *Livret de Famille*, mas recorrentes na obra do autor como um todo, revelam que a postura do escritor é justamente a de amalgamá-los e atribuir uma plenitude artística a identidades imbricadas por diferentes existências. É o que demonstra o narrador-biógrafo do capítulo XII, o qual metamorfoseia o próprio processo de criação de Modiano ao buscar escrever sobre a vida do cantor Harry Dressel. Durante a construção da biografia, o narrador faz duas descobertas reveladoras. A primeira delas destaca a multiplicidade de uma mesma existência, levando-o a pluralizar o título da biografia: “*Peu à peu, je commençais à rédiger mon livre,*

*par fragments. J'avais décidé du titre définitif: 'Les vies de Harry Dressel' »* (MODIANO,1977, p.185). A segunda descoberta do narrador-escritor refere-se ao fato de uma vida individual entrelaçar-se em outras existências, gerando um dispositivo de força centrífuga que engloba sempre outros indivíduos e experiências e o afasta, cada vez mais, do objeto de investigação, no caso, a figura de Harry Dressel. Assim, suas pesquisas sobre o cantor levam ao enigmático e fantasmagórico George Jansenne e, também, a um diretor de canil obcecado pelo arquivamento e registro de cães, em outras palavras, obcecado pela genealogia, uma alusão metafórica ao trabalho do próprio escritor: "*Il aurait aussi voulu collecter tous les documents – photos, films de long métrage ou d'amateur, témoignage écrits ou oraux – se rapportant à des chiens disparus.*" (1977, p.185).

Tanto o empresário Jansenne quanto o diretor do canil são personagens secundários e episódicos, mas que alcançam uma importância independente da investigação sobre Dressel. Graças a eles, a narrativa ganha fluidez e viaja pelo tempo e pelo espaço. O objetivo inicial, o de escrever a biografia de Dressel, não se perde, apenas se transforma. À ideia original de um relato preciso e único, substitui-se um texto vago e fragmentado, mas cuja coerência é mantida.

Cada capítulo de *Livret de Famille* se desenvolve em um lugar e tempo distintos e, além disso, dentro do mesmo episódio, os deslocamentos espaço-temporais são bastante fluidos. A primeira parte começa no ano de 1974, nos arredores de Paris (Neuilly), no momento do nascimento de Zenaide, filha do narrador Patrick. Em seguida, a narrativa se desloca para a época do casamento de Albert Modiano e Louise Colpeyn, trinta anos antes, em Megève e, através das lembranças do personagem Koromindé, a história passa também por Paris, em 1942, e novamente em Neuilly, durante os anos de 1937 e de 1945.

No centro da obra (capítulo VIII) situa-se o momento consagrado à procura do registro de batismo do narrador. A guerra da Coreia, nos anos 50, reativa o clima de medo vivido por Albert Modiano durante a Ocupação. A despeito de sua origem judaica, ele decide batizar os dois filhos em Biarritz, no sul da França, o que aguça as indagações do narrador:

Un baptême de hasard. Qui en avait pris l'initiative? Et pourquoi sommes-nous restés près d'un an à Biarritz, mon frère et moi? Je crois que la guerre de Corée y était pour quelque chose et qu'on avait décidé, à cause d'elle, de nous éloigner de Paris et de nous baptiser par prudence, en pensant à la guerre précédente. (MODIANO, 1977, p.114).

O batizado, em princípio uma forma de sacralizar a identidade, perde todo o caráter de sagrado e passa a simbolizar a problemática de indefinição identitária do narrador.

*Livret de Famille* realiza uma colagem de passados em que o narrador tenta recompô-lo através da imaginação, de suas próprias recordações e de lembranças alheias, além de testemunhos, fotografias e documentos oficiais. Assim, realiza um trabalho semelhante ao de um arqueólogo que "*en présence d'une statue aux trois quarts mutilée, la recompose intégralement dans sa tête.*" (MODIANO,1977, p.185).

A metáfora do escritor-arqueólogo, utilizada por Modiano, remete ao mesmo campo semântico de imagens trabalhadas por Walter Benjamin, aproximando o autor francês da figura do cronista benjaminiano para quem não há sucessão cronológica, apenas o espaço das camadas geológicas.

[...] a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. (BENJAMIN, 2000, p.239).

Benjamin busca sempre uma reflexão da história a partir do presente e voltado para ele, sem a ilusão positivista de se poder explicar o passado em sua totalidade. Em Modiano, o passado também não se entrega ao leitor de forma direta, ele sugere caminhos, enviando sinais cifrados e, muitas vezes, misteriosos.

### **An Archaeology of the memory: interfaces of the fatherly figure in Patrick Modiano**

**ABSTRACT:** This paper proposes a reflection on contemporary French writer Patrick Modiano. We emphasize *Livret de Famille* in order to examine the evocation of the fatherly figure as a way of restoring memory.

**Keywords:** Modiano ; Livret de Famille; father ; memory.

### **Notas**

<sup>i</sup> A expressão « cena primitiva » foi empregada por Baptiste Roux referindo-se à presença do tema da prisão de Albert Modiano na literatura de Modiano, em *Figures de l'Occupation dans l'oeuvre de Patrick Modiano* (1999).

<sup>ii</sup> "Eddy Pagnon est au coeur de l'une des scènes primitives de l'univers modianien; celle-ci recoupe à la fois la fiction et la réalité historique, et constitue l'un des rares épisodes de l'Occupation, évoqués dans les oeuvres de jeunesse, à ne pas être travesti. Il s'agit de l'arrestation du père, pendant l'hiver 1943, de son internement et de sa libération presque immédiate par un membre de ce que l'on a nommé plus tard la bande de la rue Lauriston." (ROUX, 1999, p.147). A tradução é minha.

### **Referências**

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. Volume 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

COSNARD, Denis. *Dans la peau de Patrick Modiano*. Paris : Fayard, 2010.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico. De Rousseau à internet*. Org. Jovita M.G. Noronha. Trad. Jovita M.G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MODIANO, Patrick. *Les Boulevards de ceinture*. Paris: Gallimard, 1972.

\_\_\_\_\_. *Livret de famille*. Paris: Gallimard, 1977.

\_\_\_\_\_. *Remise de Peine*. Paris: Gallimard, 1988.

\_\_\_\_\_. *Elle s'appelait Françoise*. Paris : Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. *Dora Bruder*. Paris : Gallimard, 1997.

\_\_\_\_\_. *Les Inconnues*. Paris: Gallimard, 1999.

\_\_\_\_\_. *Un Pedigree*. Paris: Gallimard, 2005.

ROUX, Baptiste. *Figures de l'Occupation dans l'oeuvre de Patrick Modiano*. Paris : L'Harmattan, 1999.

---

**Artigo enviado em 27/05/2016**